

Dr. David A. DeSilva,

2 Pedro e Judas

Sessão 3

O autor finalmente aborda de frente as questões que os mestres rivais têm levantado, mas não sem antes enquadrar sua chegada de maneiras que desencorajarão a confiança em sua mensagem, bem como sua boa vontade. A chegada desses cétricos não foi imprevista. Amados, já estou escrevendo esta, uma segunda carta para vocês, cartas nas quais estou despertando suas mentes sinceras, como um lembrete para que se lembrem das palavras ditas antecipadamente pelos santos profetas e do mandamento dos apóstolos que o Senhor e Salvador lhes enviou.

Primeiro, sabendo disto: que nos últimos dias virão escarnecedores com o seu escárnio, andando segundo as suas próprias concupiscências e dizendo: Onde está a vinda desta promessa? Pois desde que os pais morreram, todas as coisas permanecem da mesma forma desde o princípio da criação. O que Judas recitou como tradição transmitida pelos apóstolos às suas congregações — nos últimos tempos — haverá escarnecedores seguindo as suas próprias concupiscências ímpias — nosso autor coloca diretamente nos lábios, por assim dizer, de Pedro, que pode de fato ter sido historicamente uma fonte importante desta advertência específica. Aqui, porém, o alvo específico desses escarnecedores é a esperança apocalíptica da igreja primitiva de que Cristo viria novamente em julgamento e em poder para inaugurar o reino eterno de Deus na esfera humana.

Mais uma vez, isso sugere que os próprios cétricos mestres cristãos haviam sido, em certa medida, convencidos pelos argumentos dos epicuristas contra o temor da retribuição divina. Um dos principais argumentos em seu arsenal era a lentidão com que os deuses pareciam impor penalidades aos perversos, se é que chegavam a fazê-lo. Falando com a voz de alguém que havia sido convencido por Epicuro, Plutarco escreve: a demora e a procrastinação da divindade em punir os perversos me parecem, de longe, o argumento mais contundente contra a providência divina.

Sua lentidão destrói a crença na providência. A experiência parece também, para esses cétricos, ter demonstrado que a esperança cristã era vazia, visto que a geração dos apóstolos de Cristo havia passado sem qualquer sinal da volta de Cristo, como Ele havia prometido. O tema de lembrar ou convocar o público a se lembrar retorna aqui em 3.1-4. Podemos nos lembrar de sua aparição anterior em 1.12-15. E isso é significativo.

Alerta mais uma vez o público de que o que ouvem nesta carta não é material novo, mas sim parte da mensagem apostólica que abraçaram quando chegaram à fé. Eles se comprometeram, por assim dizer, com todo o mistério da fé: Cristo crucificado, Cristo ressuscitado, Cristo que volta. Os cétricos em seu meio são os inovadores, desafiando o que os ouvintes receberam como revelação divina, e devem, portanto, recuperar a estabilidade na fé ao se lembrarem desse compromisso anterior, não se deixando influenciar por aqueles mestres rivais que falharam em permanecer estáveis na fé.

O autor continua a se aprofundar na herança bíblica compartilhada para fundamentá-los novamente em suas convicções fundamentais. Pois eles, isto é, aqueles que levantam questões sobre um julgamento e uma segunda vinda, intencionalmente ignoram o fato de que os céus e a terra foram estabelecidos há muito tempo, da água e por meio da água, pela palavra de Deus, por causa da qual o mundo, como era então, foi destruído, sendo submerso pela água. E os céus e a terra atuais estão sendo guardados pela mesma palavra, sendo guardados para o dia do julgamento e da destruição dos ímpios.

O autor relembra a cosmologia refletida em Gênesis 1, segundo a qual Deus, ao criar o céu, teve que abrir espaço para ele, dividindo as águas de modo que houvesse águas acima e águas abaixo da cúpula do céu. Então, Deus reuniu as águas abaixo do céu em lugares delimitados para abrir espaço e criar a terra seca. No primeiro século, essa visão do cosmos, particularmente a ideia de que havia águas acima do céu e que o céu era uma espécie de cúpula material, havia sido abandonada há muito tempo.

No entanto, foi estratégico para o autor lembrar esses detalhes, visto que aquilo que foi trazido das águas pela palavra de Deus, que dependia da palavra de Deus para sua própria existência, certamente poderia ser inundado novamente pelas águas pela palavra de Deus, como se provou ser o caso, segundo a história sagrada. O ponto do autor, é claro, é que não há força mais poderosa ou confiável do que a palavra de Deus, visto que a própria criação depende dessa mesma palavra. Assim, a palavra proferida por Deus por meio de Seus profetas sobre a futura dissolução do cosmos pelo fogo, como em Isaías 66, 14 a 16, e Malaquias 4, versículo 1, e a preparação de novos céus e nova terra, como em Isaías 65, 17, também se provaria mais confiável, mais sólida do que o próprio cosmos, algo que os céuticos intencionalmente ignoram, segundo nosso autor.

Os eventos de Gênesis 6 a 9 fornecem um precedente histórico que torna essa expectativa inteiramente crível. No primeiro século, a convicção de que Deus destruiria o mundo habitado pela segunda vez, e pelo fogo, havia se espalhado entre o povo judeu. Josefo, por exemplo, relata a tradição de que Adão previu, abre aspas, que o mundo seria destruído ora pela força do fogo, ora pela violência e pela quantidade de água.

A ideia de uma conflagração cósmica também era defendida pela escola filosófica estoica, embora ali essa conflagração fizesse parte de um ciclo interminável de criação e destruição. Nosso autor adere à visão mais linear promovida nos círculos judaicos. Após a conflagração vindoura, seguir-se-ia uma eternidade ilimitada em uma criação renovada.

O autor acrescenta duas considerações adicionais em apoio à fé apostólica, que incluem uma firme expectativa de uma intervenção futura decisiva da parte de Deus nos assuntos humanos. De fato, nosso autor talvez não tenha ficado tão surpreso ao saber que o fim ainda não teria chegado quase 2.000 anos depois. Ele quase antecipou isso ao escrever, mas não percam de vista uma coisa, amados, a saber, que na experiência de Deus, um dia é como mil anos e mil anos como um único dia.

O Senhor não retarda a promessa, como alguns a julgam tardia, mas demonstra paciência para convosco, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento. E o dia do Senhor virá como ladrão, no qual os céus passarão com grande ímpeto, e os elementos se desintegrarão ao serem queimados, e a terra e todas as obras

que nela há serão deixadas expostas. A primeira consideração é extraída da distância entre a experiência de Deus do tempo como um ser imortal, eterno e atemporal e a nossa experiência do tempo como seres mortais, finitos e limitados pelo tempo.

O fato de se poder ouvir que se origina de escritura autorizada, a saber, o Salmo 90, versículo 4, confere ainda mais peso. Lá lemos: "Mil anos aos teus olhos são como o dia de ontem que passou". O autor judeu do Livro dos Jubileus, uma paráfrase abrangente de Gênesis 1 a Êxodo 14, geralmente datada do início do século II a.C., também recorreu a esse mesmo texto para lidar com a percepção de um atraso diferente na punição divina.

Isto é, para responder à crítica de que Adão e Eva não morreram, de fato, no dia em que comeram o fruto da árvore do conhecimento, como Deus havia ameaçado em Gênesis 2:17. O autor de Jubileus encontra a solução em conexão com a morte de Adão aos 930 anos e a experiência de Deus com o tempo. E assim, em Jubileus, lemos que Adão morreu e lhe faltaram 70 anos, em vez de 1.000 anos.

Pois mil anos são como um dia no testemunho do céu, e por isso está escrito a respeito da árvore do conhecimento: no dia em que dela comeres, morrerás. Portanto, ele não completou os anos do seu dia, porque morreu nele. A lentidão é relativa, mas também é salutar que assim seja.

O suposto adiamento do dia do juízo final significa que ainda há espaço para o arrependimento, para a reconciliação com Deus, para que a justiça se enraíze na vida de cada um. Cada dia em que o fim não chega é um sinal não da lentidão ou falta de compromisso de Deus, mas da Sua misericórdia e amor pelos pecadores. Plutarco, um ensaísta grego com inclinação para a filosofia, ativo no início do século II d.C., ofereceria uma consideração semelhante, pois também buscava responder às críticas epicuristas à crença tradicional de que os seres humanos são responsáveis perante o divino.

Após chamar a atenção para as diferentes maneiras pelas quais os seres humanos e a divindade, para quem qualquer duração da vida humana é nada, vivenciam o tempo, Plutarco escreve que, entre aspas, Deus reserva suas penalidades para o futuro e aguarda o transcurso do tempo por gentileza e magnanimidade. Ele faz isso para abrir espaço para o arrependimento, sendo o adiamento da punição um período de graça. O autor de "Sabedoria de Salomão", uma obra judaica helenística da virada da era, também considerou a lenta e gradual expulsão dos cananeus por Deus, antes dos hebreus, um sinal da misericordiosa paciência de Deus.

Embora não possas destruí-los todos de uma vez com animais selvagens terríveis ou com a tua palavra severa, julgando-os pouco a pouco, deste-lhes a oportunidade de se arrependerem. Embora sejas soberano em força, julgas com brandura e com grande paciência; tu nos governas, pois tens poder para agir quando quiseres. Isso é especialmente interessante na medida em que o relato das escrituras fornece um motivo muito mais prático.

Deus expulsou os habitantes originais aos poucos para que a terra não fosse invadida por animais selvagens, causando lacunas na produtividade. É claro que o apóstolo Paulo também ensinou que a ausência do dia do juízo final era consequência da bondade de Deus e uma oportunidade para se alinhar à Sua justiça hoje, uma oportunidade que não deve ser

subestimada. Assim, em Romanos, lemos: "Vocês desprezam a grandeza da sua bondade, e paciência, e paciência, ignorando que a bondade de Deus os leva ao arrependimento?"

O fato de o Dia do Senhor ainda não ter chegado não é sinal da falta de consideração de Deus pela injustiça e maldade dos seres humanos. Pelo contrário, é consequência do caráter de Deus, que é lento para a ira e abundante em amor. No entanto, o autor afirma que esse dia chegará.

Ele usa a imagem familiar nos primeiros círculos cristãos daquela época, chegando como um ladrão, inesperadamente, sem aviso, potencialmente pegando as pessoas desprevenidas, em detrimento delas. O próprio Jesus é lembrado por ter usado essa imagem em uma parábola no final de Mateus 24. Mas entenda isto: se o dono da casa soubesse a que horas da noite o ladrão viria, teria vigiado e não teria deixado que sua casa fosse arrombada.

Portanto, vocês também devem estar preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora em que vocês menos esperam. Paulo trouxe essa imagem em suas admoestações aos cristãos em Tessalônica. Vocês sabem muito bem que o Dia do Senhor virá como um ladrão de noite.

Enquanto as pessoas dizem paz e segurança, a destruição virá sobre elas repentinamente, como as dores de parto sobre uma mulher grávida, e elas não escaparão. Mas vocês, irmãos, não estão em trevas, para que este dia os surpreenda como um ladrão. Ouviremos isso mais uma vez na voz de Jesus como um aviso inserido na narrativa do derramamento das sete taças de libação da ira de Deus em Apocalipse 16.

Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que persevera em vigiar e em guardar as suas vestes, para não andar nu e não ver a sua vergonha. Nosso autor usa uma linguagem vívida no capítulo 3, versículo 10, para descrever como, com grande súbito naquele dia, este cosmos material, tão presente e aparentemente eterno, se desintegrará diante da visita de Deus.

A última cláusula apresenta alguns desafios textuais, em grande parte porque os escribas tiveram dificuldade em compreender o significado do autor e foram levados a fornecer suas próprias alterações esclarecedoras. A melhor leitura parece ser: e a terra e as obras nela realizadas serão encontradas ou descobertas, ou seja, serão expostas à vista em plena revelação, por assim dizer, perante o tribunal de Deus. Os escribas não tinham certeza de qual das leituras seria considerada a melhor ou mais clara, então encontramos manuscritos que não serão encontrados devido à extinção da terra, e ainda outros manuscritos que dispensam completamente o verbo encontrado em favor do verbo queimado, ou que combinam os dois, serão encontrados destruídos.

O Codex Sinaiticus e o Codex Vaticanus, dois importantes textos completos do Novo Testamento, na verdade, quase toda a Bíblia do século IV d.C., concordam que a imagem verbal que o autor busca invocar aqui é a de todos os habitantes da Terra e dos atos que realizaram diante do escrutínio de Deus, na presença de Deus, sem mediação e sem filtragem do céu e dos céus intermediários, que eram tipicamente considerados como um véu, uma cortina, por assim dizer, entre nós e o brilho insuportável da presença da glória de Deus. Naquele dia, porém, conheceremos precisa e plenamente a glória e o poder daquele a

quem honramos ou daquele a quem desprezamos. Convicção e conduta andam de mãos dadas para o nosso autor.

Ele não estava defendendo um mero dogma teológico que exige apenas assentimento mental. Ele estava reafirmando um ponto de referência essencial para a navegação bem-sucedida dos desafios e oportunidades desta vida. Que efeitos a visão do horizonte das futuras intervenções de Deus tem sobre o nosso curso de vida atual? Com todas essas coisas sendo destruídas dessa maneira, que tipo de pessoas vocês deveriam ser em conduta santa e piedade, aguardando e até mesmo apressando o aparecimento do dia do Senhor, por causa do qual os céus serão destruídos pela queima e os elementos dissolvidos pela queima, enquanto aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça, segundo a sua promessa? Portanto, amados, enquanto aguardais estas coisas, esforçai-vos para que nele sejais achados irrepreensíveis e irrepreensíveis em paz. Tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando acerca destas coisas, como em todas as suas epístolas, nas quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes deturpam para sua própria perdição, como também o fazem com todas as demais Escrituras.

Vós, pois, amados, visto que tendes a presciência, guardai-vos para que não vos deixeis levar pelo erro dos iníquos, descendo da vossa própria estabilidade, antes crescendo no favor e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a quem seja a glória, tanto agora como no dia eterno. Apesar de todo o seu foco no futuro, na escatologia, para usar rótulos teológicos padrão, o autor não demonstra interesse em especulações sobre o tempo da vinda de Cristo, os sinais que podem preceder o juízo de Deus, qualquer que seja a narrativa do fim dos tempos que possa se desenrolar em qualquer número de últimos anos. Seu interesse reside inteiramente no impacto que a visão para esse horizonte tem no aqui e agora.

O que se tornaria uma convicção de credo, "Ele voltará em glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim", atua como uma lente focal que traz clareza ao momento presente. O que importa agora é alinhar-se com a santidade que Deus sempre buscou em Seu povo. O que importa agora é a piedade ou a piedade, uma virtude muito louvada entre pessoas de origem grega, romana ou judaica.

Significa dar a Deus o que lhe é devido, a atenção que Deus merece, a honra que Deus merece, a obediência e o serviço que Deus merece. Dado o valor relativo da criação presente, que está destinada a não durar, e o valor relativo dela com a nova criação, que durará para sempre, os investimentos mais inteligentes que podemos fazer no presente são aqueles que nos levam mais adiante em direção a nos tornarmos o tipo de pessoa que se sentirá em casa naquele reino onde a justiça está em casa. Não podemos deixar de lembrar o mapa que o autor traçou no parágrafo inicial do corpo de sua carta.

Olhando para trás, para a purificação de nossos pecados passados por Cristo, e olhando para a intervenção de Deus para trazer esta nova ordem de coisas, desculpe, para pôr fim a esta ordem atual e abrir espaço para a nova ordem de Deus, fica claro com o que nos ocuparíamos de forma mais vantajosa. Excelência moral, conhecimento, autocontrole, perseverança, vida centrada em Deus, amor pelos irmãos e irmãs que Deus nos deu em

Cristo e amor por tudo o que reflete e personifica o amor de Deus por eles. O autor parece estar familiarizado com várias cartas de Paulo além daquela, Romanos, que de fato fala sobre o desejo de Deus de que as pessoas se arrependam como a razão por trás da paciência e tolerância de Deus.

Em muitas das cartas de Paulo, contudo, o apóstolo exorta seus ouvintes a se esforçarem ao máximo para serem encontrados imaculados e irrepreensíveis nele, em paz. De fato, ele frequentemente coloca a irrepreensibilidade no dia da visita de Cristo como o principal objetivo pelo qual seus convertidos devem continuar a lutar. Assim, por exemplo, ele escreve aos seus amigos em Filipos: "Esta é a minha oração: que o amor de vocês transborde cada vez mais em conhecimento e plena percepção, para que entendam o que é melhor, a fim de que, no dia de Cristo, vocês sejam puros e irrepreensíveis, produzindo o fruto da justiça que vem por meio de Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus".

E ele ora pelos seus convertidos em Tessalônica, para que fortaleça os vossos corações em santidade, para que sejais irrepreensíveis diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos. À luz dessa ênfase compartilhada por nosso autor e Paulo, é tentador tentar inferir como o autor acreditava que outros estavam distorcendo o significado das cartas de Paulo em uma direção destrutiva para o seu bem-estar espiritual e o dos outros. Uma possibilidade seria a distorção da mensagem de Paulo, que o próprio Paulo havia combatido.

Como ele escreve em Romanos 3, ou como somos deturpados e como alguns afirmam que proclamamos, deveríamos praticar coisas más para que delas resultem coisas boas? De fato, Paulo parece ansioso para demonstrar, ao longo dos capítulos 3 a 8 de Romanos, que sua proclamação do favor de Deus para com todos, independentemente da posição da pessoa perante a Torá, não abre espaço para o pecado ou mesmo para a indiferença em relação a investir-se em obras justas e boas. Como ele escreve em Romanos 6, devemos continuar no pecado para que a graça seja ainda mais abundante? Claro que não. Se Tiago 2, versículos 14 a 26, é uma resposta à proclamação de Paulo, é uma resposta à deturpação desse evangelho por terceiros ou às inferências equivocadas que terceiros fizeram.

Pois os próprios Paulo e Tiago estariam em completo acordo quanto à necessidade de a fé se manifestar em ações amorosas e justas para ser fé. E Paulo deve alertar os crentes na Ásia Menor em Efésios 5: saibam disto com certeza: nenhuma pessoa sexualmente imoral, impura ou avarenta, que é idólatra, tem herança no reino de Deus e de Cristo. Ninguém vos engane com palavras vãs, pois por causa destas coisas vem a ira de Deus sobre os descendentes da desobediência.

Os cééticos aos quais nosso autor se opõe também são culpados, acredita o autor, de tentar abrir espaço para o pecado e a autoindulgência na vida dos cristãos com suas próprias palavras vazias. Alguns estudiosos têm dado muita importância à menção feita pelo autor às cartas de Paulo juntamente com as escrituras restantes ou com o restante das escrituras, sugerindo que isso é um sinal de que 2 Pedro foi de fato escrita bem no século II, depois que as cartas de Paulo foram reunidas e elevadas à categoria de escritura sagrada, juntamente com os livros da Bíblia Hebraica. Embora essa possibilidade não possa ser descartada, eu hesitaria em ouvir essa passagem de forma tão formal.

Com o novo derramamento do Espírito e a certeza da presença de Deus no meio das novas comunidades de fé que surgiram em torno dos Apóstolos, não creio que teria demorado muito para que as congregações compartilhassem, coletassem e venerassem as cartas pastorais que constituíam o legado do Apóstolo aos Gentios. Também seria cauteloso ao presumir que o termo escrituras é reservado para textos que passaram por algum tipo de processo formal de verificação de status canônico, em vez de carregar um sentido mais amplo de identificação de documentos formativos fundamentais, como teriam sido as cartas do Apóstolo, e ainda mais após sua morte. O último versículo captura sucintamente as duas admoestações do autor para seu público.

Por um lado, uma vez que foram avisados sobre a iminente intervenção de Deus e os riscos envolvidos, eles devem se precaver com cuidado. Eles estão se deparando com uma certa raça de céticos agora. Encontrarão outros autoproclamados mestres desafiando outros aspectos da fé, transmitidos de uma vez por todas para o futuro.

É imperativo que eles não se deixem levar por essas ondas de erro e inovação, de sua posição de estabilidade na fé e na prática do modo de vida em que a fé os iniciou. Podemos nos lembrar novamente do parágrafo de abertura do capítulo 1, versículos 3 a 11. Positivamente, o autor os convoca a crescer no favor e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Esse favor e conhecimento provavelmente não devem ser interpretados como a direção na qual o crescimento ocorre, mas sim como o meio, o instrumento ou a maneira pela qual o crescimento ocorre. É o crescimento, a plenitude da transformação que o favor de Cristo para conosco potencializa e que nosso conhecimento, tanto sobre Cristo quanto sobre Cristo, guia e molda. No fim, essa é a única busca que terá importado.

Hoje, essa é a busca que mais deve ser mantida em mente e priorizada, visto que todas essas coisas chegarão ao fim. Obrigado por se juntar a mim neste curso sobre 2 Pedro. Embora tenhamos deixado a questão da autoria em aberto, dois cenários surgem como as opções mais prováveis, considerando os dados da própria carta.

A primeira é que Pedro, sabendo que sua morte se aproximava, autorizou um associado de confiança a expressar por escrito sua defesa da crença na volta do Senhor e na intervenção de Deus para responsabilizar os seres humanos e renovar a criação de Deus, a fim de responder às objeções dos céticos que buscam desalojar essas convicções e reinventar a mensagem cristã, sustentando assim o ímpeto dos crentes na trajetória de transformação ao longo da qual a mensagem do evangelho busca impulsioná-los. O conteúdo é, em última análise, rastreável a Pedro, embora a forma de expressão deva muito ao seu associado anônimo. A segunda é que um líder cristão preocupado em defender o evangelho e a trajetória que ele sustenta contra esses mesmos céticos ressuscita a voz de Pedro para fazer valer sua autoridade contra eles.

Mesmo nesse cenário, o conteúdo permanece essencialmente apostólico. A ênfase na transformação do caráter e da ética, alimentada particularmente pela expectativa do julgamento divino, alinha-se bem com o testemunho apostólico mais amplo. A incorporação de material de Judas assegura a apostolicidade do segundo capítulo.

As reminiscências da transfiguração e seu significado, as advertências contra mestres inovadores e a proclamação das intervenções finais de Deus na vida deste mundo também estão claramente enraizadas na tradição apostólica e, muito possivelmente, no próprio Pedro. Seja qual for o cenário que se considere mais provável, uma coisa é certa. A Segunda Epístola de Pedro apresenta uma defesa forte e eloquente do evangelho apostólico contra a objeção dos cétricos que desejavam eliminar alguns de seus elementos que lhes pareciam menos racionais e esclarecidos.

Discípulos genuínos dos apóstolos e defensores de sua proclamação tiveram que assumir essa tarefa em todas as gerações da história da igreja. E 2 Pedro modelou diversos elementos e estratégias que foram incorporados a toda defesa responsável e bem-sucedida do evangelho apostólico desde então. Ele ouve as objeções levantadas pelos cétricos da fé e formula respostas razoáveis e convincentes a elas, enraizadas na tradição bíblica e em sua revelação do caráter de Deus.

Ele expõe as consequências éticas tanto de seguir o evangelho revisado quanto de perseverar nos contornos do evangelho apostólico, demonstrando por que o segundo caminho é mais nobre e vantajoso. E dá nova expressão ao evangelho apostólico de forma a responder à preocupação subjacente que abriu espaço para a versão inovadora do evangelho em primeiro lugar. Neste caso, uma formulação do evangelho que pudesse se sustentar como uma filosofia razoável, produtora de virtudes amplamente reconhecidas.

Em suma, em 2 Pedro, testemunhamos o nascimento da apologética. Este livro oferece uma visão convincente para a vida cristã entre a redenção e a salvação final. Ele fixa dois pontos cardeais firmemente em nossas mentes.

A primeira é a nossa redenção por Jesus Cristo, o perdão dos nossos pecados, que foi conquistado por nós a tal preço para o próprio Filho de Deus. A segunda é a dissolução dos céus e da terra atuais pelo próprio Verbo de Deus que os criou em primeiro lugar, e a aparição de todos nós e de tudo o que fizemos com as vidas que Deus nos deu diante do Seu olhar perscrutador. Ele nos ordena a navegar em nosso curso por esta vida dia após dia, todos os dias, com referência a esses dois pontos fixos.

Lembrando-nos da nossa purificação dos pecados passados, continuamos a avançar na nova vida que Jesus nos abriu ao longo do caminho do crescimento na virtude, como o autor nos apresenta no capítulo 1, versículos 3 a 11, produzindo o fruto pelo qual Jesus semeou o seu sangue no solo das nossas vidas. Tendo em mente o futuro em que a responsabilidade de toda a humanidade perante Deus se manifestará e em que Deus preparará uma nova criação na qual a justiça terá um lar, continuamos a avançar na nova vida que Jesus nos abriu ao longo do caminho do crescimento na virtude, que encontrará a aprovação de Deus nesse futuro. E 2 Pedro é uma palavra particularmente importante para muitos cristãos que pensam que uma profissão de fé é o princípio e o fim de todo o caminho da libertação que Deus abriu para nós ouvirmos.

Em segundo lugar, Pedro, assim como Paulo, assim como Tiago, assim como o próprio Jesus, nos lembra que nossa chegada à fé é o equivalente a confiar naquele que promete nos guiar e nos capacitar para uma rota de evacuação que nos levará à segurança final, à salvação, se tivermos fé para segui-lo até o fim.